

ENSAIO



A hesitação, o natural e o **sobrenatural**

É recorrente a influência de Todorov nos estudos do fantástico. Uma obra publicada na Europa nos anos 50, e no Brasil nos anos 70 do século passado, ainda encontra adeptos em nossa contemporaneidade.

Essa ressonância perpassa também em Os fantásticos mistérios de Lygia, acredito que a ensaísta entenda, como nós entendemos também, que foi a partir dele que a crítica do gênero atingiu de certo modo o seu ápice, e também por conjugar objetivos diversos, mas convergentes, fazendo uma abordagem sistemática do fantástico em particular, ao mesmo tempo em que “resolve” questões abrangentes de teoria.

A fonte

Percebe-se que Aila Sampaio leu com honestidade intelectual Introdução à literatura fantástica (título da tradução brasileira). Neste livro Todorov formula sua definição baseando-se na hesitação representada pelo leitor implícito, entre aceitar ou recusar os fenômenos que o enunciado narrativo lhe propõe como sobrenaturais. Diz Todorov, em sua análise, **acerca disso, que** “O fantástico é a hesitação experimentada por uma criatura que não conhece as leis naturais, perante um acontecimento com aparência de sobrenatural”.

Os aspectos

A autora destaca três aspectos importantes desta definição, na concepção dos termos: “hesitação”, “natural” e “sobrenatural”, o que nos parece, particularmente, que o grande “pecado teórico” de Todorov seja a possibilidade da criação do “efeito fantástico” está na capacidade de “hesitar” do leitor, pois o resultado dessa ação faz com que o fantástico ocupe o tempo da incerteza. Mas convém ressaltar que a concepção

de Todorov, segundo Os fantásticos mistérios de Lygia, se não é idêntica à dos seus antecessores que também pontuam o “natural” e o “sobrenatural” como elementos indispensáveis na construção do fantástico, pelo menos não os contradiz de todo, pois, se por um lado não tem o “mistério”, o “inexplicável”, o “inadmissível” que se introduzem na “vida real” ou “mundo real”, por outro lado já implica a existência de acontecimentos do mundo natural e sobrenatural, apenas o termo “hesitar” fica por conta de Todorov que defende ser a hesitação que dá vida ao fantástico. O importante desta

✳ Concebe o natural e o sobrenatural, conforme propostas pelo texto: categorias puramente literárias

✳ Todorov formula sua definição baseando-se na hesitação representada pelo leitor implícito

análise é que, sem desprezar Todorov, soube superá-lo com abordagem de outras leituras que enriqueceram profundamente Os fantásticos mistérios de Lygia.

Palmilhando caminhos

Até mesmo nos temas como “duplo”, “ressurreição”, e “possessão”, só para citar alguns, a autora soube sair da simples impressão e da subjetividade, reconhecendo, no desenrolar de suas interpretações, que prefere ver o fantástico menos como resultado de uma hesitação do que como uma ênfase posta na contradição entre o natural e o sobrenatural. Com

este pensamento, a leitura sai da concepção extrínseca para uma concepção intrínseca na medida em que concebe o natural e o sobrenatural tão somente, conforme propostas pelo texto, isto é, como categorias puramente literárias. Vejo aqui

fontes e influências de teorias mais ousadas, mas já bem depois de Todorov, como as de Irène Bessière, quando diz que: (Texto I)

O que aprenderão seus leitores com suas análises dos mistérios de Lygia Fagundes Telles

O QUE ELES PENSAM

A leitura de Aila Sampaio



Para chegar à conclusão de que é necessária uma revisão nos conceitos do gênero Fantástico, uma vez que a narrativa moderna vai além dos cânones tradicionais, Aila percorre um longo caminho. Analisa os contos de Mistérios, de Lygia Fagundes Telles, valendo-se de textos de outros contistas dos séculos XIX e XX, e de todo o referencial teórico disponível. Vai à Antiguidade e Idade Média em busca das primeiras manifestações, quando o Fantástico ainda não havia se consolidado como estética, propriamente dita. Após identificar os fundadores dessa literatura, a autora examina cada uma das teorias acerca do gênero; a partir do pioneiro H. P. Lovecraft. Surgem nomes como Roger Callois, Louis Vax, P.G. Castex, Jean Bellemin-Noël, Tzvetan Todorov, Irène Bessière, Filipe Furtado, Victor Bravo e outros. Uma pesquisa desse porte não poderia, portanto, deixar de vir a público.

LOURDINHA LEITE BARBOSA
Ficcionalista e poetisa



A leitura da análise crítica que Aila Sampaio realizou acerca da obra “Mistérios”, de Lygia Fagundes Telles, convida-nos, e de maneira prazerosa, a uma releitura dos contos desse livro, uma vez que a ensaísta, com um olhar agudo para bem captar o que de nós se escondeu, quando de uma leitura menos reflexiva, nos aponta caminhos por que acompanharmos a tessitura das narrativas, bem como outras possíveis – mais consistentes – formas de compreensão. Por exemplo, somente agora, é possível, a quem não se especializa no campo das leituras analíticas das composições literárias, perceber, com maior nitidez, que, no conto “A Caçada” estão as entrelinhas do texto eivadas de simbolismos. Todas essas narrativas que apresentam como motivo o mítico têm o enorme poder de fascínio, pois, quase sempre, nos põem diante do imponderável, do inefável.

JOSÉ TELLES
Poeta

senão a concepção de uma lógica da narrativa fantástica, às vezes formal e temática que surpreendentemente ou arbitrariamente para o leitor, reflete, sob o aparente jogo da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário comunitário.

Uma pontuação

Notadamente, o autor de relato fantástico ao se utilizar destes componentes externos (religião, crenças populares e mitologias etc.), a eles não se reduz, porque o relato fantástico é um resultado em si mesmo, como todo relato literário. (Texto II)

Osfulcos

Para produzir um livro como Os fantásticos mistérios de Lygia, não bastavam só os recursos de teorias modernas, mas a escolha de um corpus que permitisse o revezamento da teoria e da prática.

Foi explorando com conhecimento de causa estes aspectos que as análises deste livro se tornaram mais consistentes, e com o seu conhecimento global dos textos de Lygia Fagundes Telles, objeto do estudo, diversos aspectos e pormenores são esclarecidos no que diz respeito à realização de certos traços do gênero, para mostrar que a questão do equilíbrio dos elementos nos contos analisados está tanto no plano da história como no plano que se revela no discurso.

Uma mostra

Uma citação apenas de uma passagem do livro quando a ensaísta analisa o conto “A caçada”, por que possa o leitor orientar-se: (Texto III)

Depois de constatar que as hipóteses não são confirmadas, a autora tenta reconstruir os pormenores da cena de modo imanente, “uma coisa dentro da outra”, e chega à conclusão: (Texto IV)

TRECHOS

✳ TEXTO I

“é próprio do fantástico emprestar a mesma inconsistência ao real e ao sobrenatural, reunindo-os e contrapondo-os um ao outro num só e mesmo espaço e numa só e mesma essência, que é a da linguagem e a da narrativa”.

✳ TEXTO II

As narrativas fantásticas se fundamentam, pois, na ambiguidade inerente à escritura. Se o relato encena um evento completamente aceitável no seu contexto, o efeito fantástico tende a diluir-se, como igualmente se diluiria se o evento fosse totalmente inaceitável. Não é, porém, o leitor quem deve tomar essa decisão. O próprio discurso é que deve propiciá-la. Os contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles se alicerçam na indefinição dos acontecimentos. “Emanuel”, por exemplo, instala o efeito somente no último enunciado: a chegada do amante imaginário de Alice é uma surpresa tão forte para a personagem, como para o leitor que se vê induzido a questionar se ele realmente teria chegado ou se tudo não teria sido apenas uma brincadeira de mau gosto, elaborada por Afonso, a fim de pressionar a frágil e mentirosa Alice. As respostas se perdem na interrupção da narrativa. Sequer a reação do personagem protagonista é destacada, inviabilizando pistas.

✳ TEXTO III

“No conto “a caçada”, por exemplo, o herói fica obcecado pela gravura de uma tapeçaria exposta na parede de uma loja de antiguidade. A cena da caçada, desgastada pelo tempo e pelas traças, vai dia a dia se tornando mais nítida, certificando-o de que o episódio e as personagens estão ligados à sua história. Sem discernir as razões da estranha e obstinada familiaridade com a cena, a sua angústia se avulta, levando-o a criar hipóteses que a justifiquem”.

✳ TEXTO IV

“Tal convicção, no entanto, apenas atesta a sua lucidez e incrementa o choque do mundo racional com o irracional, quando o evento se configura. A decisão de destruir o objeto, tomada após um pesadelo, leva-o outra vez à loja e, repentinamente, de simples espectador, o homem se transforma numa personagem da tela. A tapeçaria invade o ambiente, vivificando a cena da caçada, induzindo-o a penetrar no bosque e assumir a posição da caça”.